


Bom dia! Segue clipping diário que engloba notícias de jornais, revistas, rádio, TV e web.

Jornais e Revistas

Agora

	TELEFONES ÚTEIS	
	Disque-Ilume (capital)	0800-7790156
	Prefeitura de São Paulo	156
	Prefeitura de São Paulo (ouvidoria)	0800-175717
	Procon	151

Diário de São Paulo

Péssimas condições de uso

Ciclovia da Radial Leste tem buraco, sujeira e droga

Pista de 12 quilômetros, que passa por oito estações de Metrô, espanta ciclistas com tantos problemas, mas atrai usuários de drogas que não querem ser incomodados **P2**



Homem desvia sua bicicleta de enorme buraco que atrapalha a passagem

Ciclistas temem roubos e quedas durante percurso

Presença de usuários de drogas, aliado a falhas na iluminação e péssimo estado de conservação da pavimentação, deixam usuários indignados

“À noite é muito escuro. A iluminação é falha. Não tenho coragem de passar por aqui depois das 18h. Outro dia vi um ciclista chorando no meio da via. Ele tinha acabado de ser roubado. Pessoal usando droga a gente vê direto”. A frase é do ciclista Lindoval Alves dos Santos, de 49 anos. Morador de Artur Alvim, Zona Leste, ele usa todos os dias a ciclovia da Radial, mas só antes do anoitecer.

Segundo o jornalista Aguinaldo Pereira, 47, o uso de droga na ciclovia é sistêmico. “Os viciados se sentem seguros na ciclovia porque não existe patrulhamento. Há trechos da ciclovia que ficam escondidos entre muros. Quem trafega pela Radial Leste não enxerga o que acontece dentro da ciclovia. Isso para os nôias (usuários de crack) é um paraíso.”

Na opinião do jornalista, é necessário patrulhar a via 24 horas por dia. “Precisava ter no mínimo três guardas-civis metropolitanos trafegando de bicicleta por aqui. A Polícia Militar também deveria estar mais presente”, disse.

De acordo com Aguinaldo, se não fosse a sua habilidade na

condução da bicicleta, ele teria caído após passar por um buraco no pavimento mal conservado. “Teria sido um tombo daqueles. Certa vez fui recolhendo as latinhas que encontrava no meio da ciclovia. Peguei mais de 60. A pista está imunda”, reclama.

Outro que quase caiu da bicicleta na ciclovia da Radial foi o editor de vídeo Simeão Gonçalves Menezes, 31. “A vegetação está entrando na pista. O aro da minha bike enroscou no mato e por pouco não me esborrachei no chão.”

De acordo com o técnico em informática Rogério Valdevino Pereira, 47, ele já reclamou formalmente à Prefeitura sobre a cratera existente no espaço exclusivo nas proximidades da Estação Artur Alvim. “Até agora só tenho o protocolo.”

A presença de moradores de rua dormindo em colchões na via também incomoda os ciclistas. “Há trechos que se tornaram mão única por conta disso. Mas eu prefiro ir na contramão do que ter de passar em algum ponto onde os mendigos estão dormindo”, afirmou o advogado Marcelo Vargas, 43.



Ciclista passa por morador de rua que dorme no meio da pista

Ciclovía abandonada de usuários de



Fotos de Almeida Rocha/Diário SP

DIÁRIO percorre espaço para os ciclistas na Radial Leste e vê cachimbo de crack e pinos de cocaína pelo chão. Com problemas, pista tem crateras ao longo do trajeto

Eduardo Athayde
eduardo.athayde@diariosp.com.br

Virou ponto de encontro de usuários de droga a ciclovía Caminho Verde, mais conhecida como Ciclovía da Radial Leste, que margeia oito estações da Linha 3 - Vermelha do Metrô. A obra foi feita pela empresa do governo estadual, mas em 2012 a administração foi repassada à Prefeitura.

Nos 12,2 quilômetros de extensão da via exclusiva para os ciclistas, considerada pelos adeptos dessa modalidade de transporte como uma das mais importantes e simbólicas da capital, o que se vê, sem precisar procurar muito, são homens e mulheres cheirando cocaína e fumando crack e maconha.

No chão, as provas - cápsulas vazias com restos de pó branco dentro e cachimbos artesanais utilizados no consumo de crack - ficam jogadas no chão.

O espaço está com claros sinais de abandono. No trecho próximo à Estação Artur Alvim, há um cratera no meio da pista. O buraco está aberto há um mês, segundo os usuários que ainda se arriscam na ciclovía.



Ciclovía tem diversos pontos escurados



Cápsula usada para o armazenamento de cocaína

PROBLEMA DE SEMPRE

“Historicamente não existe tradição de se preocupar com a manutenção da ciclovía”

Willian Cruz,
cicloativista

Ciclovía Caminho Verde (Radial Leste)



A ciclovía estende-se por

Inauguração:
27 de setembro de 2008



Por onde passa:

Tatuapé



vira ponto de drogas

A pavimentação perdeu o vermelho e hoje está laranja – fenômeno cada vez mais comum nas ciclovias da capital e já flagrado pelo DIÁRIO.

Como o poder público não se preocupou com a drenagem da ciclovia, poças d'água são vistas em diversos pontos. Várias placas de sinalização estão picadas ou foram simplesmente arrancadas por vândalos. O bicicletário da Estação Penha está desativado – o local é usado como banheiro e ponto de namoro (leia mais na página 3).

“Continuamente recebo no meu site reclamações contra a ciclovia da Radial. Historicamente não existe em São Paulo uma tradição de se preocupar com a manutenção das ciclovias. Elas são feitas, mas depois são deixadas à própria sorte”, afirmou o cicloativista e autor do site Vá de Bike, Willian Cruz.

Há ainda muito lixo espalhado pela via dos ciclistas. Diversas lixeiras foram vandalizadas. Até restos de comida a reportagem flagrou ontem. O mau cheiro dá náuseas, sobretudo entre as estações Penha e Carrão. Moradores de rua, que usam a ciclovia como dormitório, urinam e defecam ali.

“É lamentável. A promessa do poder público era de que até a Copa do Mundo ela se estenderia até o Centro. Já faz quase um ano que a Copa terminou e o que ocorreu foi que o espaço está abandonado”, reclamou a cicloativista Renata Falzoni.

MEDO/ A falta de segurança no local é outro problema. Nenhum PM ou guarda-civil metropolitano foi visto patrulhando o espaço ontem. Como a iluminação da ciclovia é fraca, facilita a ação de criminosos, que atacam os usuários.



Ciclista flagra casal namorando no lugar onde deveria ter bicicletas

Bicicletário na estação Penha vira banheiro e local de namoro

■ No trecho da ciclovia da Radial Leste na Estação Penha do Metrô até existe uma placa dizendo que ali funciona um bicicletário. A sinalização, no entanto, é só uma “pegadinha”. Na realidade, o espaço para guardar as bicicletas está fechado e serve atualmente como ponto de encontro de casais adolescentes e de banheiro para moradores de rua.

O ciclista Ricardo Ferreira de Prado, de 26 anos, lamenta a ausência de um espaço para deixar as bicicletas, principalmente para

os que continuam o trajeto até seus compromissos diários de Metrô. “Muitas pessoas deixam de usar a bicicleta porque não tem onde deixá-la quando vão embarcar no Metrô”, disse.

O cobrador de ônibus Elias Pereira do Nascimento, 42, costuma usar a ciclovia como pedestre (a via pode ser compartilhada), mas também reclama do abandono do bicicletário. “É uma vergonha”.

O Metrô confirma que quanto mais afastados do Centro, mais movimentados são os bicicletários.

RESPOSTA DA PREFEITURA

Promessas de mais seguranças e reparos

A GCM disse que, “em breve”, passará a atuar na ciclovia da Radial. A PM respondeu que faz ronda em toda a cidade, “inclusive na região da ciclovia”. A Prefeitura informou que o Ilume (Departamento de Iluminação Pública) encaminhará equipe ao local para fazer “levantamento das carências de iluminação.” As subprefeituras da Penha e Mooca garantiram o conserto dos buracos na pista. A Subprefeitura da Mooca afirmou que “30 novas papelarias serão instaladas em todo o trecho da ciclovia até o fim de março”. O Metrô não deu previsão de abertura do bicicletário.

12,2 quilômetros ao lado da Linha 3-Vermelha do Metrô

Carrão Penha Vila Matilde Guilhermina/Esperança Patriarca Artur Alvim Corinthians/Itaquera

vira ponto drogas

A pavimentação perdeu o vermelho e hoje está laranja – fenômeno cada vez mais comum nas ciclovias da capital e já flagrado pelo DIÁRIO.

Como o poder público não se preocupou com a drenagem da ciclovia, poças d'água são vistas em diversos pontos. Várias placas de sinalização estão pichadas ou foram simplesmente arrancadas por vândalos. O bicicletário da Estação Penha está desativado – o local é usado como banheiro e ponto de namoro (leia mais na página 3).

“Continuamente recebo no meu site reclamações contra a ciclovia da Radial. Historicamente não existe em São Paulo uma tradição de se preocupar com a manutenção das ciclovias. Elas são feitas, mas depois são deixadas à própria sorte”, afirmou o cicloativista e autor do site Vã de Bike, Willian Cruz.

Há ainda muito lixo espalhado pela via dos ciclistas. Diversas lixeiras foram vandalizadas. Até restos de comida a reportagem flagrou ontem. O mau cheiro dá náuseas, sobretudo entre as estações Penha e Carrão. Moradores de rua, que usam a ciclovia como dormitório, urinam e defecam ali.

“É lamentável. A promessa do poder público era de que até a Copa do Mundo ela se estenderia até o Centro. Já faz quase um ano que a Copa terminou e o que ocorreu foi que o espaço está abandonado”, reclamou a cicloativista Renata Falzoni.

MEDO/ A falta de segurança no local é outro problema. Nenhum PM ou guarda-civil metropolitano foi visto patrulhando o espaço ontem. Como a iluminação da ciclovia é fraca, facilita a ação de criminosos, que atacam os usuários.



Ciclista flagra casal namorando no lugar onde deveria ter bicicletas

Bicicletário na estação Penha vira banheiro e local de namoro

■ No trecho da ciclovia da Radial Leste na Estação Penha do Metrô até existe uma placa dizendo que ali funciona um bicicletário. A sinalização, no entanto, é só uma “pegadinha”. Na realidade, o espaço para guardar as bicicletas está fechado e serve atualmente como ponto de encontro de casais adolescentes e de banheiro para moradores de rua.

O ciclista Ricardo Ferreira de Prado, de 26 anos, lamenta a ausência de um espaço para deixar as bicicletas, principalmente para

os que continuam o trajeto até seus compromissos diários de Metrô. “Muitas pessoas deixam de usar a bicicleta porque não tem onde deixá-la quando vão embarcar no Metrô”, disse.

O cobrador de ônibus Elias Pereira do Nascimento, 42, costuma usar a ciclovia como pedestre (a via pode ser compartilhada), mas também reclama do abandono do bicicletário. “É uma vergonha”.

O Metrô confirma que quanto mais afastados do Centro, mais movimentados são os bicicletários.

RESPOSTA DA PREFEITURA

Promessas de mais seguranças e reparos

A GCM disse que, “em breve”, passará a atuar na ciclovia da Radial. A PM respondeu que faz ronda em toda a cidade, “inclusive na região da ciclovia”. A Prefeitura informou que o Ilume (Departamento de Iluminação Pública) encaminhará equipe ao local para fazer “levantamento das carências de iluminação.” As subprefeituras da Penha e Mooca garantiram o conserto dos buracos na pista. A Subprefeitura da Mooca afirmou que “30 novas papeléiras serão instaladas em todo o trecho da ciclovia até o fim de março”. O Metrô não deu previsão de abertura do bicicletário.

12,2 quilômetros ao lado da Linha 3-Vermelha do Metrô

Carrão Penha Vila Matilde Guilhermina/Esperança Patriarca Artur Alvim Corinthians/Itaquera

SEXTA-FEIRA 13



Edifício Joelma

Palco de um incêndio que matou 191 pessoas em 01 de fevereiro de 1974, o Edifício Joelma já rendeu até filme. Em 1979 rodaram por lá o "Joelma, Vigésimo Terceiro Andar", protagonizado pela atriz Beth Goulart. No total, 13 pessoas morreram carbonizadas dentro de um elevador e seus corpos foram enterrados lado a lado no cemitério São Pedro, na Vila Alpina. Após a tragédia, o edifício ficou fechado por quatro anos e foi reaberto em 1978. Funcionários afirmam que vozes são escutadas nos corredores.



Edifício Martinelli

O primeiro arranha-céu teve seu momento de glória no início do século 20, mas quebrou na Segunda Guerra Mundial. O local virou uma verdadeira favela vertical, acumulando seis andares de lixo, onde mais tarde foram encontrados ossos humanos. Entre a ossada, estava o corpo de um menino violentado. Funcionários alegam que escutam o garoto brincando pelos elevadores do prédio até hoje. Na ficção, ele serviu até de morada para um vampiro no livro "O Turno da Noite", de André Bianco.



Cemitério da Consolação

A primeira necrópole da capital conta com personalidades importantes sepultadas por lá, além do maior mausoléu da América do Sul, o da Família Matarazzo. Uma das lendas que ronda o local é que, exatamente no mausoléu, há uma passagem secreta que dá para a rua Mato Grosso, atrás do cemitério e que só a família sabe onde ela fica. O local abriga túmulos de personalidades como Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral e Marquesa de Santos. É de arrepiar!

Confira a série #SPAAssombrada em <http://goo.gl/cB3QDR>

Castelinho da Rua Apa

Localizado na Santa Cecília, no Centro, o castelinho foi palco de um crime em 1937 em que mãe e os dois filhos foram encontrados mortos no local. O filho mais velho, Alvaro Cesar dos Reis, foi acusado pelo crime. Porém, seu corpo foi encontrado com dois tiros no peito, o que intrigou a polícia. O caso não foi solucionado até hoje e moradores próximos afirmam que o local é assombrado pelos espíritos da família Reis, que buscam justiça. Até um reality show Americano, o Ghost Hunter, veio para o Brasil para caçar fantasmas por lá.



Capela dos Aflitos

Localizada no bairro da Liberdade, a capelinha Nossa Senhora dos Aflitos fica escondida em um beco que já foi um cemitério em 1770. Há a história de um soldado negro, o Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, que morreu estrangulado e acabou se tornando um santo local. Moradores e comerciantes do bairro afirmam que é possível ver a figura de um homem negro andando à noite em volta da capelinha. Muitos acreditam ser o próprio Chaguinhas. Uma colsa curiosa? O casal de investigadores paranormais João Tocchetto e Rosa Maria Jaques foram investigar a capela e só encontraram energias boas por lá.

SP, a cidade assombrada

Nesta sexta-feira 13, percorremos cinco lugares da capital para mostrar que, além das histórias que já conhecemos, São Paulo esconde muitos mistérios sobrenaturais. Prepare-se!

Daniel Pires
daniel.pires@diariosp.com.br

Esqueça o trânsito, as enchentes e o caos da cidade grande, ao menos hoje, sexta-feira 13, dia em que as superstições são renovadas e o medo do sobrenatural volta ao nosso cotidiano.

Com aproximadamente 20 milhões de habitantes, a cidade de São Paulo esconde muitas histórias de crimes não solucionados, mortes misteriosas e lugares com fama de assombrados. Com-

preensível: na cidade mais populosa do mundo, o que não falta são histórias de todos os gêneros, inclusive as de terror. Muitas delas, com o passar do tempo, resultaram em lendas urbanas. Nesta data tão icônica para os admiradores de histórias de horror, visitamos cinco lugares da capital que são considerados assombrados e ainda alimentam as lembranças de muita gente. Pegue seu amuleto protetor, um pouco de água benta e vamos juntos conhecer estes lugares macabros bem perto de nós.

Cemitério da Consolação

● Museu a céu aberto, o **Cemitério da Consolação** abriga tantas obras que é o primeiro na cidade a receber a tecnologia QR Code. Os códigos permitem descobrir, a qualquer momento, o perfil do sepultado em cada alameda e também detalhes do monumento erguido sobre o respectivo túmulo. A maneira mais interessante de passear por ali, porém, não é de celular em punho. Melhor deixar-se levar pela visita guiada conduzida por Francivaldo Gomes. Conhecido como Popó, o ex-coveiro herdou do historiador Délio Freire dos Santos a paixão por narrar as curiosidades do local. De férias até terça-feira (17), Popó abdicou de seu descanso no último dia 6 para atender um grupo

agendado e a equipe do **Divirta-se**. Mostrou que sabe de cor o nome completo, apelido, data de nascimento e de morte da maioria das pessoas ali enterradas. Estudioso do tema, desafia os visitantes: “Me diga o nome de uma rua ou pessoa que eu digo onde está enterrado.” Há quem busque obras específicas, caso de Valeria Paniccia, artista italiana que procurava por figuras eróticas. Embaixo de chuva, ela comemorou ao encontrar ‘Solitudo’ – primeiro nu do local esculpido por Francisco Leopoldo e Silva, em 1922, para a sepultura do advogado Teodoreto de Carvalho. Ali, também há criações de Ramos de Azevedo, Victor Brecheret e Raphael Galvez, entre outros.



GABRIEL A. DI PIETRI/ANEX

ONDE: R. da Consolação, 1.660, Consolação, 3396-3814. **QUANDO:** 3ª e 6ª, 9h30 e 14h. **QUANTO:** grátis.
COMO: necessário agendamento pelo e-mail assessoriaimprensa@prefeitura.sp.gov.br

Televisão e Rádios

**Clique nos links em azul para ouvir/assistir a notícia*

Mensagem de ouvinte (cita lixeira)

Emissora: BAND NEWS FM 96,9

Programa: OUTROS

Tipo de Clipping: Rádio

Data/Hora Fonte: 12/03/2015

Mensagem, ouvinte, indignação, falta de lixeiras, ruas, quatro quarteirões, sem achar lixeira

<http://www2.bboxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=38952153&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=A&Commodities=1>

Casos de dengue no Brasil / Casos de dengue em São Paulo (cita Serviço Funerário)

Emissora: TV CULTURA

Programa: Jornal da Cultura 2ª edição

Tipo de Clipping: Tv

Data/Hora Fonte: 11/03/2015

Dengue, São Paulo, água parada, lixo descartado, Freguesia do Ó, Cemitério da Lapa, eliminar, água acumulada

<http://www2.bboxnet.com.br/pmsp/Visualizacao/RadioTv.aspx?IdClipping=38919221&IdEmpresaMesa=&TipoClipping=V&Commodities=1>